

O TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO ONLINE

Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira¹
Luis Paulo Leopoldo Mercado²

Resumo

O trabalho docente na educação online apresenta características específicas que merecem estudo. Autores como Mill et al (2008) e Fidalgo et al (2008) expressam preocupações com a precarização do trabalho docente, apontando indicadores desse processo. Este artigo tem como objetivo discutir aspectos relacionados à profissionalização dos docentes que atuam na educação online, especificamente o tutor, procurando descobrir o que pensam os tutores que atuam no Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, a respeito da temática. Para isso foram analisadas as respostas de um questionário com perguntas abertas, aplicado com 10 tutores que atuam na 3ª oferta do Programa. Conclui-se que esses tutores estão conscientes das especificidades da educação online, do papel a desempenhar na tutoria e anseiam por mudanças no tratamento que é dado aos professores que têm desempenhado esse papel. O aspecto que mais se destaca é o desejo de regulamentação da atividade da tutoria, que aparece como perspectiva para um futuro próximo.

Palavras-chave: docência online, profissionalização, proletarização.

Summary

The teaching in online education has specific features that deserve study. Authors such as Mill et al (2008) and Fidalgo et al (2008) express concerns about the precariousness of teaching, identifying indicators of this process. This article aims to discuss issues related to the professionalization of teachers who work in online education, specifically the tutor, trying to discover what they think the tutors who work in the Program of Continuing Education in Media in Education, on the theme. For this we analyzed the answers of a questionnaire with open questions, applied with 10 tutors who work in the 3rd offer the program. We conclude that these tutors are aware of the specifics of online education, the role in mentoring and long for changes in treatment that is given to teachers who have played this role. The aspect that stands out most is the desire to regulate the activity of mentoring, which appears as a perspective for the near future.

Keywords: online teaching, professionalization, proletarianization

¹ carmemidias2@gmail.com Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Alagoas.

² luispaulomercado@gmail.com - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Alagoas.

1. Introdução

A profissionalização tem se constituído uma bandeira de luta do movimento docente ao longo da história da educação no Brasil. Ao mesmo tempo, faz parte dos discursos oficiais e das reformas educacionais, numa perspectiva mais avaliativa, sendo apontada como uma das condições para a melhoria da qualidade da educação, conforme a lógica da produtividade e do mercado que vem influenciando as políticas educacionais brasileiras nas últimas décadas. Segundo Hypólito (1999), embora a profissionalização apareça como “consenso” no discurso oficial, na prática têm se materializado políticas desprofissionalizantes.

A partir da Lei 9394/96 (LDB), percebe-se a organização de uma política que pretende ser de valorização do magistério a ser considerada pelos sistemas de ensino. No Art. 67 estão expressos os elementos dessa política, assegurando: ingresso na carreira somente através de concurso público; aperfeiçoamento profissional continuado; piso salarial profissional; progressão na carreira com base na titulação e avaliação periódica; período da carga horária de trabalho destinado a estudos, planejamento e avaliação; e condições adequadas de trabalho (BRASIL, 1996).

O piso salarial nacional para o magistério público da educação básica foi instituído recentemente pela Lei 11.738/2008. Esta Lei estabelecendo o piso do professor com formação de nível médio em regime de 40 horas semanais de trabalho obriga Estados e Municípios a revisarem os planos de carreira dos professores ou criá-los se ainda não o têm. A lei estabelece ainda 1/3 da carga horária do professor para o desenvolvimento de outras atividades docentes, quais sejam: reuniões pedagógicas, atualização e aperfeiçoamento, planejamento e avaliação, correção de atividades dos alunos. É uma conquista do magistério, em favor da sua profissionalização (BRASIL, 2008).

A LDB traz em seu Art. 80 o aumento das possibilidades educativas através da modalidade educação a distância (EAD), levando a que tenhamos em foco, atualmente, os impactos da EAD sobre o trabalho docente.

Mill, Santiago e Viana (2008) evidenciam os riscos trabalhistas envolvidos na EAD, tais como: o aumento da carga de trabalho dos professores, as novas exigências impostas pelo uso das tecnologias digitais, o “empobrecimento” da

mediação pedagógica por meio da atuação da tutoria, precarização das condições de trabalho, entre outros.

A educação online compõe a quinta geração da EAD, sendo caracterizada pela integração de mídias (MOORE; KEARSLEY, 2007). Esta geração vem se desenvolvendo nos últimos anos através dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), espaços que apresentam amplas possibilidades para a construção do conhecimento, pois integram diversas ferramentas com grandes possibilidades de interação, fator primordial em qualquer processo de ensino-aprendizagem. Com a ampliação desta modalidade, emergem as discussões sobre ambientes, processos, estratégias de aprendizagem e também sobre os profissionais que nela devem atuar.

A presença de professores e alunos passa por profundas modificações nos AVA. No que se refere aos professores, para Mendonça (2007, p. 4)

A educação online se constitui uma nova configuração profissional, uma possibilidade de efetivo exercício da docência e de efetiva construção do conhecimento a partir de uma outra lógica espaço temporal, sem perder de vista as condições objetivas da vida social, em particular as novas formas de sociabilidade decorrentes das mudanças sociais mais amplas, fortemente marcadas pela presença da tecnologia.

A atuação docente na educação online se reveste de complexidade, pois envolve dinâmicas diferentes da presencial, quebra de paradigmas e a apropriação de conhecimentos específicos tais como: autoria, interatividade, aprendizagem colaborativa (MERCADO, 2006).

No Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação³, o curso é organizado por ciclos – básico, intermediário e avançado. Em cada ciclo, o conteúdo está organizado por módulos, construídos por grupos de trabalho de diversas universidades brasileiras. Desta forma, temos no programa a presença dos professores e especialistas que conceberam o curso, disponibilizado pela SEED/MEC no ambiente e-Proinfo, administradores, coordenadores de tutoria nas universidades e os tutores, responsáveis pela execução de fato do curso.

³ O Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, proposto pelo MEC, é realizado em parceria com as Universidades Federais e as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, desde 2006. Atende à demanda de formação continuada de professores das escolas públicas, para melhor utilização das TIC na prática educativa.

É o tutor que se faz presente na sala de aula online, estabelecendo as relações mais próximas com o aluno, mesmo não tendo participado da formatação do curso. Pode-se então indagar: quem são de fato esses profissionais? Como compreendem a profissionalização na educação online? Quais são suas preocupações e expectativas em relação a este trabalho?

No caso do Curso de Mídias, parte-se da hipótese de que os tutores são professores com uma larga experiência na educação presencial, que ao longo de sua trajetória profissional têm se preparado para uso das TIC em sala de aula, descobriram em seu processo formativo a educação online e passaram a atuar nesta, mas não têm grandes preocupações com questões relacionadas à profissionalização e proletarização do trabalho, por ser a tutoria uma atividade extra, realizada em tempos livres, que serve para complementar sua renda.

Para discutir esses aspectos e buscando respostas às questões citadas, solicitou-se a colaboração dos tutores que estão atuando na terceira oferta (2008-2009) do Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação em Alagoas, através de um questionário com perguntas abertas, abordando questões relativas às percepções destes quanto ao trabalho que desenvolvem, às mudanças em relação à educação presencial, características, requisitos, implicações no cotidiano e expectativas em relação ao trabalho docente na educação online.

A análise dos questionários mostra que o grupo está consciente das especificidades da educação online, de suas responsabilidades enquanto tutores e pelo menos uma parte demonstra preocupação principalmente em relação a uma legislação que regulamente a atividade da tutoria, o que se constitui como expectativa para um futuro não muito distante.

2. Profissionalização x proletarização da docência

Para falar em profissionalização é necessário primeiro que se compreenda o significado de profissão.

Profissão, para Kullo (2004, p. 14), é uma prática que implica em dois aspectos fundamentais: “uma vocação ou paixão pelo que se faz e uma formação adequada para que o exercício profissional aconteça”. Além disso, o exercício profissional tem uma regulamentação própria, a começar pela formação, definida através de pareceres e diretrizes nacionais.

A idéia de vocação é explicada por Hypólito (1999) como uma herança da época em que o trabalho de ensinar era desenvolvido pela Igreja, ainda muito presente como forma discursiva.

Cunha (1999, p. 131) define profissão como “a posse de um saber específico que a distinga no mundo do trabalho”, estando relacionada com a estrutura de poder da sociedade que categoriza os indivíduos.

Para Veiga (2006), a profissão é uma construção social, parte de uma realidade sócio-histórica, produzida pela ação dos atores sociais.

Com base nessas definições, pode-se compreender a profissionalização como um processo histórico e evolutivo, imbricado com as relações sociais. Observe-se então o que dizem alguns autores, sobre esse processo.

Cunha (1999, p. 131) afirma que a profissionalização envolve o “conjunto de procedimentos que são validados como próprios de um grupo profissional, no interior de uma estrutura de poder”. Significa competência técnica, discernimento emocional, responsabilidade e capacidade para resolver problemas no âmbito da profissão.

Hypólito (1999) defende que a profissionalização pode ser analisada sob dois pontos de vista: do neoliberalismo e/ou da classe trabalhadora e suas entidades de classe. Do ponto de vista do neoliberalismo, pode significar docentes bem preparados, que aplicam pacotes pedagógicos, controlam tecnologias e seguem adequadamente o currículo e o livro didático, a partir das definições de técnicos e supervisores qualificados. Do ponto de vista da classe trabalhadora e das entidades de classe, tem um significado preso à formação de qualidade, a condições de trabalho que favoreçam um trabalho reflexivo, ao controle sobre os processos de ensinar e aprender e à democratização da organização escolar. Desta forma, o significado atribuído à profissionalização dependerá do lugar ocupado por quem a visualiza.

A profissionalização deve ser entendida a partir de uma ótica que respeite a autonomia, resguarde a participação da comunidade e consolide práticas emancipatórias. Deve envolver alternativas que garantam melhores condições de trabalho e de atuação e respeitem as práticas pedagógicas construídas ao longo da experiência profissional, não podendo ser resumida à formação profissional (HYPÓLITO, 1999).

Para Fidalgo, Faria e Mendes (2008, p. 65), “o processo de profissionalização é sempre o resultado de lutas, de confrontos e de compromissos, os quais originam

e definem as características básicas da profissão”. Essa caracterização pode ser considerada em duas dimensões: uma que considera a profissão enquanto trabalho ou forma de se “ganhar a vida”, levando em conta os aspectos relativos às condições da negociação do valor e da venda da força de trabalho; outra, considerando a carreira, “forma pela qual as ocupações profissionais modernas buscam ganhar *status*, relativamente às condições que determinado grupo ocupacional tem de negociação do prestígio social”.

O processo de profissionalização docente pode ser entendido então como um processo de construção social, que envolve luta política e ideológica, na busca por valorização e status profissional (FIDALGO; FARIA; MENDES, 2008). São características da profissionalização a autonomia, uma formação de qualidade, condições adequadas de trabalho e uma remuneração que permita o acesso dos professores aos bens culturais (livros, cinema, teatro).

Ao longo da história da docência, profissionalização e proletarização ou precarização, como preferem denominar alguns autores, parecem caminhar lado a lado, pois enquanto as políticas apresentam ganhos para a carreira do magistério em termos de formação, o mercado de trabalho aponta para perdas, conforme explicita Mirna Silva (2007, p. 2):

Na esfera da formação, encontramos disposições que aparentemente conduzem a um aumento do status social dos docentes, com maior reconhecimento sobre a necessidade de formação e maior destaque dado aos professores nos programas oficiais de educação. Na esfera das relações de emprego, encontramos disposições que acenam para maior precarização das condições de trabalho, estagnações ou perdas salariais, maior risco de perda da estabilidade.

Pesquisando o significado da proletarização do trabalho docente, tem-se que para Hypólito (1999, p. 87) o processo de proletarização tem sido “a negação da profissionalização”. Três processos têm contribuído, segundo este autor, para a proletarização do trabalho docente, tais como: o mito do magistério como um trabalho intelectual que dificulta a identificação como classe trabalhadora; a feminização do magistério e o mito da atividade maternal, adequada às mulheres; a formação docente, pois embora haja uma exigência maior de formação superior, a qualidade dos cursos de formação tem diminuído consideravelmente. Isto tem se materializado nas condições concretas de trabalho, nas quais “estão presentes processos desqualificadores e rebaixamentos salariais, o que diminui as chances de

acesso dos professores a bens culturais (livros, cinema, música, formação profissional de qualidade e de longo prazo) que poderiam favorecer o processo de profissionalização”.

Fidalgo (1993), apud Neves e Fidalgo (2008), aponta alguns dos indicadores para se começar a entender o processo de proletarização docente: a hierarquização na organização do processo de trabalho escolar através da separação entre concepção e execução; a perda de autonomia por parte dos docentes; a excessiva regulamentação do ensino; a perda de controle sobre o processo e sobre o produto do trabalho; a simplificação do trabalho docente a rotinas preestabelecidas; a degradação das condições de trabalho; e o achatamento salarial, entre outros.

E na educação online? O que dizem os autores sobre como se configuram esses processos na educação online?

3. O trabalho docente na Educação online

No contexto das mudanças causadas pela globalização da economia, a profissão docente também passa por modificações, impondo a incorporação de habilidades e competências para lidar com as TIC.

Convém ressaltar que a qualidade na educação online implica, segundo Mill, Santiago e Viana (2008, p. 61), na criação de condições institucionais adequadas, ou seja, a constituição de equipes de trabalho, o planejamento criterioso do programa/curso, a elaboração de materiais, pois

a EaD exige a previsão de novos tempos, espaços e recursos para o desempenho do trabalho docente, os quais não podem ser atribuídos à esfera dos esforços individuais dos docentes. Além desses aspectos espaço temporais da preparação dos cursos, há também questões relacionadas ao oferecimento cotidiano do curso. Aliás, é no trabalho de acompanhamento dos estudantes pela Internet que mais se evidenciam mudanças/implicações ao trabalhador docente.

Professores que de algum modo ao longo de sua carreira passaram a lidar com TIC, começaram também a ser solicitados para atuarem nos AVA, fazendo a mediação pedagógica com os alunos.

Esses professores têm recebido a denominação de tutores, termo que é questionado por autores que lutam pela qualificação e valorização do magistério.

Para Silva (2008, p. 2), a figura do tutor constitui uma das precariedades da EAD, e por isto afirma que este é

um profissional forjado na lógica da auto-instrução, que rechaça a presença do professor em nome do mero administrador da burocracia do feedback do aluno. Ele vive de “bolsa” porque não possui vínculo empregatício e legislação sindical. Por isso mesmo é mão-de-obra barata em favor dos capitalistas da EAD [...].

A análise das condições de trabalho dos professores na educação online vem se somar às já permanentes discussões sobre o trabalho docente em geral. O cenário parece meio pessimista uma vez que nas próprias políticas públicas para a EAD, a figura do tutor é indispensável, mas a forma de remuneração é o sistema de bolsas⁴, criticado por Silva (2008), que se constitui uma das facetas da exploração do trabalho do professor, pois é exigido que o candidato à bolsa tenha vínculo empregatício e vedada a possibilidade de acumulação. A remuneração não permite que se tenha uma dedicação maior ao trabalho realizado. Nesse contexto parece ser atribuído um papel de menor importância ao tutor, embora seja ele professor na realização da atividade docente.

O trabalho de tutoria é revestido de complexidade, exigindo competências técnicas, pedagógicas, comunicacionais, iniciativa e criatividade. Para isso é necessária uma sólida formação profissional, levando a crer que nem todo professor poderá exercer essa função.

Segundo Mercado (2006), atuar como professor em um curso online é mais complexo do que atuar na sala de aula presencial, porque o processo envolve várias dinâmicas, além da quebra de paradigmas. Entre as competências e habilidades para atuar na sala de aula online, o professor deve desenvolver competências específicas desde a graduação e se apropriar do conhecimento dos instrumentos pedagógicos envolvidos na educação online, tais como: autoria em EAD, interação; mediação pedagógica e produção de conhecimento coletivo. Para isso é necessária uma formação contínua para o uso das ferramentas e já ter alguma experiência em EAD.

Entre os profissionais que compõem a equipe necessária para o planejamento e a execução de um curso online, Mercado (2006) destaca:

⁴ A Lei nº 11.273/2006 autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores da Educação Básica, estabelecendo que os candidatos à bolsa devem estar no exercício do magistério da rede pública de ensino e não poderão acumular mais de uma bolsa (BRASIL, 2006).

- Professor conteudista – responsável por criar e selecionar conteúdos normalmente na forma de texto explicativo/dissertativo e preparar o programa do curso.
- Professor Especialista – aquele que tem domínio do conhecimento a ser ministrado no curso.
- Coordenador de Tutoria – responsável pela validação das atividades educacionais, definindo qual o modelo pedagógico a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem do curso.
- Tutor – responsável pela realização do curso no AVA, participação nos fóruns, encontros em chat, aplicação de conteúdo e avaliação, entre outras tarefas que possam surgir depois do início do curso.

Considerando que na educação online tem-se uma “nova configuração profissional”, vemos a partir da categorização de Mercado (2006), que existem três denominações para professores que nela atuam: conteudista, especialista e tutor. Isto faz com que no processo de concepção e realização do curso, haja papéis bem diferenciados, vivenciados por diferentes pessoas.

Apesar de entender-se a tutoria online como uma função docente, na prática existe uma separação entre os que elaboram e os que executam o curso, com tendência a uma menor valorização desses últimos. De acordo com Mill (2008, p. 11), isto significa uma fragmentação do trabalho característica do modelo taylorista⁵.
Afirma este autor:

Um aspecto latente na EaD é a fragmentação do trabalho: a elaboração do material didático, o acompanhamento das atividades, a avaliação da aprendizagem são algumas das muitas etapas do processo educacional – e cada uma delas sob a responsabilidade de um profissional. Isto traz todas as implicações (geralmente negativas) inerentes ao Taylor-fordismo. Assim, essa separação de atividades cria distinções entre os educadores da Ead: tutores fazem parte do processo, professores conteudistas realizam outra parte e outros profissionais também participam do processo. É clara a separação de cunho taylorista entre quem pensa e quem executa as atividades na EaD.

Neves e Fidalgo (2008) reafirmam esse ponto de vista, afirmando que o trabalho docente na EaD virtual possui especificidades, principalmente no que se refere ao controle do docente em relação ao seu próprio trabalho e da instituição contratante, a contradição explícita que é a divisão entre concepção e execução do

⁵ O modelo taylorista visa a racionalização dos processos na empresa capitalista, aumentando a produção e a produtividade. Entre seus princípios destacam-se a decomposição das tarefas em operações simples, ocasionando a quebra do saber do trabalhador e a separação entre concepção e execução (RÉGNIER, s/d).

trabalho pedagógico, que em muito se aproxima do modelo taylor-fordista, ao mesmo tempo que se assemelha de maneira significativa com o modelo flexível de produção, quando se considera a utilização das tecnologias como mediadora do processo do trabalho. Argumentam que o próprio debate sobre o que é ser tutor e professor na EAD denuncia a fragmentação do processo.

Essas duas categorias de profissionais demonstram claramente o processo fragmentado do trabalho nessa modalidade, com enorme similaridade ao modelo taylor-fordista, e que traz no formato do discurso pós moderno as concepções conceituais de autonomia, tomada de decisão, trabalho em equipe e flexibilização do trabalho mediante as tecnologias, que na realidade pouco se configuram na atividade específica da docência virtual, já que existe a fragmentação do trabalho, com praticamente nenhuma autonomia do tutor, e trabalho isolado. O aspecto mais enfatizado é a flexibilização do trabalho, que remete a outras questões relativas aos tempos e espaços de trabalho, que nem sempre significa conquista, mas na maioria das vezes precarização ainda maior da atividade, uma vez que o sujeito deixa de ter um espaço definido de trabalho, realizando as atividades no espaço doméstico (NEVES; FIDALGO, 2008, p. 5-6).

O trabalho docente na educação online tem características muito específicas, uma das quais é a flexibilização espaço-temporal. O acompanhamento de um curso online exige do docente muita disponibilidade de tempo: para a leitura do material; envio de orientações aos alunos; acompanhamento das atividades dos alunos no AVA no qual o curso se realiza; interações nos fóruns; avaliação e devolução de atividades comentadas; além de um esforço extra para manter o interesse dos alunos no curso.

Este trabalho geralmente é feito na própria casa do docente, fator que, para Neves e Fidalgo (2008), contribui para a precarização do trabalho, pois proporciona uma intensificação do trabalho docente, sem a valorização profissional e remuneração condizentes. Por outro lado, a ausência de regulamentação legal impossibilita qualquer garantia em termos de direitos e deveres que fazem parte do processo de profissionalização.

A administração do tempo pelo docente constitui-se uma dificuldade, pois o trabalho invade o contexto familiar tomando tempo de descanso, de lazer, de atenção à família. O trabalho na internet é absorvente, fazendo com que o docente perca a noção do tempo, horas de sono, e tenha até prejuízos à saúde.

Esses são aspectos que contribuem para a proletarização do trabalho na docência online, caracterizando-se pela intensificação desse trabalho, tanto pela

necessidade de formação permanente em virtude do surgimento constante de novos recursos na internet, como pela necessidade da presença no ambiente do curso, como fator importante na permanência do aluno.

Mill (2006) ressalta a necessidade de criação de organismos sindicais que possam orientar em relação a direitos e deveres peculiares a esse trabalho, bem como a organização de uma legislação apropriada que garanta os direitos desses trabalhadores, uma vez que várias tecnologias estão a serviço da exploração capitalista.

Em relação a isto se observa que se após tantos anos de luta, os educadores ainda não conseguiram a devida valorização profissional, o que os faz viver em constante luta pela sobrevivência, trabalhando em vários empregos. Existe um longo caminho a percorrer considerando dois aspectos: em primeiro lugar na busca da qualidade na educação online; em segundo lugar na busca de organização para o reconhecimento das implicações que o trabalho nessa modalidade exige, culminando com a criação de mecanismos legais que estabeleçam direitos e deveres dos trabalhadores. Essa discussão precisa estar presente também nas instituições envolvidas com EAD, que vêm ampliando suas ofertas de cursos online, sem levar em conta as implicações desse trabalho para o professor que atua na tutoria.

4. O trabalho docente na educação online sob a perspectiva dos tutores do Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação

O Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação está organizado em três ciclos – básico, intermediário e avançado. Cada ciclo é formado por módulos nos quais os conteúdos são estudados. O ciclo básico na terceira oferta do curso conta com um grupo de 24 tutores. Cada tutor é responsável por uma turma que inicia com 50 alunos.

Antes do início do curso, cabe ao tutor realizar o cadastro dos seus alunos no ambiente, organizar as planilhas com os dados dos alunos (endereço, telefone, escola), que possam facilitar a comunicação e estabelecer os primeiros contatos. Realiza também o momento presencial inicial que tem como objetivo a familiarização dos alunos com o ambiente e-Proinfo, apresentando as ferramentas que serão utilizadas e as formas de trabalhar com as mesmas. Organiza junto à coordenação o

plano de tutoria, no qual constam os períodos para cada atividade e as tarefas a serem realizadas no ambiente, para garantir a participação dos alunos e o bom andamento do curso.

A cada módulo tem que ter reservado tempo para estudo do material, envio de e-mail aos alunos, acompanhamento dos mesmos no AVA. É sua responsabilidade também a avaliação das atividades, atribuindo conceitos que serão registrados numa ficha de acompanhamento individual e numa planilha a ser encaminhada à coordenação ao final de cada módulo. É recomendado que destine 20 horas semanais para o trabalho no curso, acessando o AVA e seu e-mail diariamente para o pronto atendimento às solicitações dos alunos.

Como parte da formação continuada, existe no ambiente do curso uma sala própria da tutoria, na qual se pode discutir o trabalho que está sendo realizado, compartilhar experiências e dificuldades em fóruns abertos especialmente com essa finalidade.

O local de realização dessas atividades geralmente é a própria casa, pois o grupo se reúne com a coordenação apenas em momentos específicos: ao final de cada módulo, para discussão do módulo que foi concluído e dos encaminhamentos para o próximo, ou em situações extraordinárias convocadas pela coordenação da tutoria.

Foi esse o grupo contatado, para descobrir como se posicionam em relação ao trabalho docente na educação online. Para isso encaminhou-se via e-mail um questionário com perguntas abertas, abordando questões relativas às percepções destes quanto ao trabalho que desenvolvem, às mudanças em relação à educação presencial, características, requisitos, implicações no cotidiano e expectativas. Dos 23 tutores apenas 10 responderam positivamente à proposta, de forma que foi com estes que trabalhamos.

O grupo é formado por professores da rede pública em sua maioria, sendo 20% do sexo masculino e 80% do sexo feminino. Em termos de qualificação todos possuem ou estão cursando uma pós-graduação - especialização ou mestrado. Desses professores, 50% estão na faixa etária dos 20 aos 40 anos e 50% na faixa acima dos 40 anos. O tempo de magistério é bastante variável: 20% estão no início da carreira, 30% têm 15 anos de magistério, 40% já estão próximos da aposentadoria por tempo de serviço e 10% já poderiam estar aposentados. Suas atividades são exercidas: 60% em instituição pública, 20% em instituição pública e

privada, 10% apenas em instituição privada e 10% não identificou o local de trabalho.

Quanto à experiência em EAD, 20% não possuíam experiência e 80% já possuíam experiência em EAD. Todos têm experiência em educação online, pelo menos como alunos do Curso de Mídias. Na tutoria online, 40% já possuíam experiência anterior ao Curso de Mídias e 60% estão tendo essa oportunidade exatamente com o curso.

As respostas do questionário foram agrupadas em duas categorias: aspectos relacionados à educação online e exercício da tutoria e aspectos relacionados às implicações do trabalho docente na educação online. Em cada uma dessas categorias estabeleceram-se subcategorias que procuram explicitar a compreensão do grupo sobre o trabalho desenvolvido nesta modalidade.

5. A educação online e o exercício da tutoria

A educação online tem especificidades que a diferenciam da educação presencial, baseadas numa nova lógica espaço temporal (MENDONÇA, 2007). As salas de aula se distribuem nos AVA, requerendo a participação de uma equipe multidisciplinar composta por profissionais docentes e não docentes, para a realização do trabalho que vai desde as condições institucionais para a educação online, a concepção do curso e sua disponibilização na plataforma, até sua execução de fato, com a participação efetiva dos alunos e seu devido acompanhamento.

Os professores têm se apresentado nos cursos como especialistas, conteudistas e tutores e isto tem gerado polêmica, de forma que não se têm ainda bem definidos os limites da atuação. Por se constituir uma forma de se fazer EAD ainda muito recente, alguns processos encontram-se em construção.

a) Distinção entre docente e tutor

Perguntou-se aos tutores se existiam distinções entre o professor e o tutor na educação online. Um grupo (40%) respondeu que sim, identificando os seguintes elementos diferenciadores:

Professor	Tutor
Elabora toda sistemática de funcionamento do curso, conteúdos, textos, elementos gráficos, critérios de avaliação, avaliações, etc. e acompanha o trabalho desenvolvido pelo tutor (Tutor 1)	Articula os recursos oferecidos pelo ambiente de aprendizagem, ao tutor cabe comentar e avaliar as atividades realizadas pelos cursistas e incentivá-los para permanecer no curso.
O aluno espera a capacidade de ensinar conhecimentos especializados, a tarefa de transmitir valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento que contribuem eficazmente para a permanência da vida social. O que eles querem é um professor intelectualmente capaz e afetivamente maduro (Tutor 5)	O tutor não ensina, incentiva, orienta a elaboração do plano de estudos, aponta direções, acompanha e avalia a aprendizagem, e, à luz dos resultados da avaliação, re-orienta e intervém.
Tradicionalmente incentiva a construção de respostas (Tutor 6).	Auxilia na construção das perguntas, colaborando na construção do conhecimento
É o que produz o material (Tutor 9)	É o que trabalha com o material.

Nos elementos diferenciadores apresentados, é possível perceber a divisão do trabalho docente (professor conteudista/especialista – tutor) como tem se configurado nas instituições que ofertam cursos na modalidade online, apresentada apenas como o que está posto na realidade, na qual a diferença básica está na produção e trabalho com o material, o que gera diferença também na remuneração.

Na minha opinião não há distinção pedagogicamente falando, mas encontramos esta distinção de fato quando acompanhamos os processos de montagem dos cursos/disciplinas, ou quando visualizamos as diferenças entre as bolsas ou remuneração de tutores e professores (Tutor 8).

Analisando a afirmativa do Tutor 5 no quadro acima, percebe-se uma distinção que remete aos paradigmas, como se a transmissão fosse característica da educação presencial e a construção característica da educação online. Isto é reforçado na afirmação “o professor tradicionalmente incentiva a construção de respostas e o tutor não, ele auxilia na construção das perguntas o que considero mais proveitoso. Se conseguimos fazer as perguntas certas aprendemos a construir nosso conhecimento” (Tutor 6).

Constituindo um grupo de professores em permanente formação para o desenvolvimento do trabalho nos AVA, é natural que a questão dos paradigmas tradicional/construtivista esteja presente nas discussões, pois conforme afirma Silva (2003, p. 55) enquanto a sala de aula tradicional está baseada no modelo unidirecional “um todos”, o que implica em recepção passiva, na sala de aula online se configura uma “perspectiva da interatividade entendida como colaboração todos-

todos”. E neste caso o saber não é domínio do professor, os saberes dos alunos emergem e circulam, gerando a possibilidade de aprender colaborativamente.

O grupo que afirma não existir distinção (60%) justifica

Não há diferença nenhuma, pois guardadas as características individuais de cada profissional, eles estarão executando as mesmas ações (Tutor 2)

O tutor acima de tudo é um docente uma vez que cabe a ele, ministrar as aulas, orientar as atividades, dar sugestões para que o aluno encontre o melhor caminho para conduzir o que lhe é proposto no ambiente bem como avaliar, conceituar etc. (Tutor 4)

Não existe diferença entre os dois, pois, o verdadeiro potencial do ensino *online* se fundamenta na interação e na aprendizagem colaborativa, competências essenciais para a construção de um contexto de aprendizagem (Tutor 5).

As funções do professor conteudista e as do tutor são diferentes, mas podem ser cumpridas pelas mesmas pessoas (Tutor 7).

Observa-se aqui o reconhecimento de que, apesar de exercerem funções diferentes, professor conteudista e tutor são professores e podem exercer esses papéis, dependendo da formatação do curso. São ressaltadas algumas das características do trabalho desenvolvido pelo tutor, mas é possível perceber certa confusão conceitual quando se diz que cabe ao tutor “ministrar aulas” ou se faz referência ao potencial do “ensino online”. Essas expressões podem ser relacionadas a uma perspectiva mais tradicional da educação, que ainda é muito presente no processo de formação de professores de forma que termina transparecendo na fala dos mesmos.

Isso se dá, segundo Kullo (1999), porque o comportamento do professor é influenciado pela sua própria história enquanto aluno. Sua atuação tem como base as experiências vividas geralmente num paradigma tradicional, com o qual às vezes é muito difícil romper, o que necessita ser feito quando se trata da educação online.

b) Distinção entre educação presencial e online

É consenso no grupo de que tudo é diferente nas duas modalidades de educação. Como elementos que as distinguem são citados: o tempo, a metodologia, as relações interpessoais, as formas de mediação, a construção dos materiais, a avaliação.

Na educação presencial, o docente está focado fundamentalmente na qualidade dos conteúdos, seu trabalho é conhecer bem, com profundidade, os conteúdos da sua disciplina e trabalhar esses conteúdos com seus alunos. Já com a educação à distância, além de ter esses conhecimentos especializados sobre os conteúdos a serem

trabalhados, os docentes também tem que desenvolver competências comunicativas, com bons materiais didáticos e atividades criativas, atraentes para os alunos. Creio que o aspecto mais marcante que diferencia a educação online da presencial, é que o aluno de educação a distância é considerado um navegador solitário, o que pode levá-lo a uma sensação de isolamento, cabe então ao tutor deixá-lo ciente de que os problemas que ele está confrontando não são só dele, mas de outros também, e que há outras pessoas com quem pode interagir (Tutor 6).

Para Pallof e Pratt (2002), na sala de aula presencial, os relacionamentos interpessoais não se revestem de tanta importância, mas na educação online o conhecimento é produzido por meio dos relacionamentos e das interações, para que se estimule e desenvolva a comunidade de aprendizagem desejada nos cursos online. Daí a importância da construção de vínculos entre os participantes, como requisito para sua participação de qualidade e até mesmo permanência no curso.

c) Requisitos para atuação

Entre os requisitos fundamentais para a atuação do tutor na educação online, destacam-se a qualificação profissional, a experiência em docência, a disponibilidade de tempo, o acesso a recursos informáticos compatíveis com o curso, domínio do conteúdo do curso, além de disponibilidade para aprender, gostar de pessoas e de interagir com elas. É importante também que tenha sido aluno online, tendo experimentado as possíveis dificuldades que o aluno venha a ter, o que facilitaria um melhor atendimento a esse aluno.

Um tutor deve ser, além de mediador da comunicação, mantendo estreita correspondência com o grupo, um agente transformador de informações, alguém que desperte segurança, confiança e, sobretudo apoio moral e psicológico para seus alunos. Deve ter disponibilidade para atender alunos online, paciência e tato psicológico para lidar com os educandos e principalmente estar presente em todos os momentos de aprendizagem. Ter dedicação de carga horária compatível com seu contrato, incluindo possíveis atividades inerentes à tutoria fora do seu horário normal de trabalho (Tutor 5).

As respostas do grupo estão compatíveis com o que diz a literatura sobre os requisitos para atuação na educação online. De acordo com Mercado (2006), o desempenho das funções da tutoria exige, além de formação adequada do professor, um perfil específico envolvendo: a facilitação no AVA procurando introduzir uma matriz de humanização; a realização de um acompanhamento acadêmico e motivacional através do AVA, sem deixar que os interesses nem processos individuais e grupais decaiam; a geração de confiança, qualidade e

eficiência. São desejáveis também a tolerância e a capacidade de compreender cada aluno. O envolvimento, o comprometimento, o respeito e a criação de laços afetivos são essenciais para o desenvolvimento de um trabalho com qualidade.

d) Características de um bom trabalho docente na educação online

Um bom trabalho docente na educação online é, de acordo com os participantes da pesquisa, caracterizado principalmente pela interação, tendo como foco a construção do conhecimento de forma colaborativa. As diversas interfaces dos AVA propiciam a interação entre os participantes, que se dá basicamente através da língua escrita e é fundamental para o processo de aprendizagem.

(7) Acredito que uma das características básicas é a interação, o tutor precisa estar preparado para acompanhar a aprendizagem do aluno, estando sempre atento para suas dificuldades, e também elogiando quando necessário. Essa compreensão é importante para estabelecer laços de afetividade não o deixando se sentir só durante o processo (Tutor 7).

Em se tratando de trabalho docente recordo-me de Paulo Freire... O educador deve estar disposto ao diálogo construtivo, mediatizado pelo mundo. O professor online precisa ter esta perspectiva. Deve dar o salto de qualidade, ultrapassando os limites do instrucionismo (Tutor 8).

Um dos tutores apresenta uma diferenciação entre o trabalho do professor conteudista, cujo trabalho seria caracterizado pela produção de bons materiais, enquanto que o trabalho do tutor consistiria no “feedback rápido, as intervenções pertinentes, as boas colocações nos fóruns, o dom de motivar o grupo, ter um contato profissional próximo com os alunos, estar disponível sempre...” (Tutor 9).

Estas posições são referendadas por Pallof e Pratt (2002, p. 161) quando afirmam a possibilidade de uma aprendizagem transformadora na sala de aula online, na qual a participação ativa atua como elemento motivador, pois os alunos ao verem suas idéias apoiadas e ampliadas começam a buscar novas maneiras de explicá-las, bem como o material com o qual interagem, criando uma rede de aprendizagem.

6. Implicações do trabalho docente na educação online

O trabalho docente na educação online é um trabalho complexo, que exige dos professores uma formação constante para acompanhar o desenvolvimento de novas interfaces que surgem constantemente na internet. É um trabalho geralmente

realizado em casa, demanda tempo e disposição para acompanhamento do curso no AVA. A remuneração através de bolsas é incompatível com a responsabilidade e a carga horária necessária. Essas implicações exigem um olhar sobre a questão da profissionalização ou proletarização deste trabalho.

a) Preocupações sobre a profissionalização

Partiu-se da hipótese de que este grupo não teria grandes preocupações sobre questões trabalhistas, pois conforme afirmam Mill, Santiago e Viana (2008, p. 70), a docência online, que denominam de *tele trabalho*, “tende a ser realizado à noite ou em horários de tempo livre para o descanso, pois é visto como “bico” ou fonte complementar da renda do grupo familiar”.

Entretanto, apenas dois tutores afirmaram não ter nenhuma preocupação com essas questões. Entre os demais se sobressai a preocupação com a valorização, o reconhecimento da importância do trabalho, garantias trabalhistas.

O trabalho online não é reconhecido como trabalho e sim como lazer, o tutor não tem direitos trabalhistas, pelo menos não ouvi falar sobre 13º, férias, horas extras... (Tutor 6).

Deveriam ser amparados pelos sindicatos dos docentes/professores (Tutor 7).

Minha preocupação encontra-se nas questões da tutoria. Há quem diga que o tutor é a desprofissionalização do trabalho docente (Tutor 8).

A legislação é muito falha neste aspecto. A profissionalização docente é ao longo da história da educação um filme de terror. O professor ao longo dos anos vem sendo cada vez menos valorizado e sua profissão cada vez tem menos status. Na Educação Online, porque é a própria Educação Online é vista com olhos preconceituosos, em alguns casos por conta de experiências em cursos que realmente são uma desgraça e que fazem da Educação Online uma educação de segunda categoria, mas em outros casos é por conta da falta de conhecimento e do pré-julgamento. Com relação ao tutor, a lei diz que este pode ser externo ao corpo docente da instituição Ou seja, um serviço prestado. O que é um total absurdo!!!! Mas acredito que a pressão social vá fazer com que esta seja uma realidade do presente e que num futuro – espero que não muito distante – isto venha a mudar (Tutor 9).

Na questão aposentaria, por exemplo, se a docência ou tutoria online, fosse caracterizada como vínculo empregatício, deixando retido algum ônus, para a instituição ou instituições cabíveis, poderia ser contado como tempo de serviço para a aposentadoria (Tutor 10).

Os elementos citados evidenciam a preocupação do grupo com a questão do reconhecimento da categoria, restando saber se existe alguma mobilização para que

isto se concretize. Todos os avanços alcançados pelos trabalhadores da educação foram conseqüências de muitos embates, de forma que os avanços no sentido da profissionalização na docência online deverão demandar muito esforço e luta, agregando-se o grupo às entidades de classe já existentes.

b) Dificuldades na docência online

Diversas dificuldades são apontadas pelo grupo no desenvolvimento das atividades online: a sobrecarga de trabalho, carga horária incompatível com o trabalho realizado, o atraso no pagamento das bolsas, o número de alunos por turma.

A sobrecarga de responsabilidade sobre o tutor; o atraso no recebimento das bolsas; a quantidade de alunos multiplicado pela quantidade de atividades que tutor deve identificar, corrigir, dar feedback e interagir durante o curso em detrimento de 20 horas semanais (o que é um absurdo!) (Tutor 9).

São apontadas também como dificuldades no comportamento dos alunos nos cursos online a falta de domínio da informática básica e de navegação na internet, a falta de interesse, a falta de interação, constituindo-se fonte de angústia e frustração para o tutor.

Falta de domínio da informática básica por parte de alguns cursistas. A falta de autonomia dos cursistas para estudar sozinho, fruto de uma cultura tradicionalista (Tutor 2).

A falta de interesse por parte dos alunos e a falta de domínio no que diz respeito às ferramentas necessárias para o funcionamento do curso, são pontos que precisam ser muito discutido por parte da equipe realizadora de qualquer curso dessa natureza (Tutor 4).

Considero a maior dificuldade o Silêncio Virtual, a maioria dos alunos ainda não estão devidamente preparados para esse tipo de educação, então permanecem calados e não respondem as atividades em tempo hábil (Tutor 7).

O silêncio virtual dos cursistas; a falta de habilidade em manusear com as máquinas (computadores); a dificuldade do acesso a Internet; a inabilidade de navegação na Internet - envio de email, abrir anexos, ferramentas de aprendizagem do curso (Tutor 10).

A falta de capacitação para tutores e professores é outro fator evidenciado, bem como “compreensão de que a metodologia deve ser adaptada, não basta digitalizar textos e apostilas” (Tutor 8).

O trabalho docente em si não é fácil, e quando tem como suporte as TIC, torna-se mais complexo, demandando formação constante e um esforço permanente para acompanhar o desenvolvimento das ferramentas que diariamente aparecem na

internet, descobrindo ou agregando a elas utilização pedagógica. Assim, o estudo, a capacidade de pesquisa e a experimentação devem estar sempre agregados ao exercício da docência online.

c) Sobre tempos e espaços de trabalho

Em relação aos tempos e espaços de trabalho, são citados pontos positivos e negativos. Um dos pontos positivos é a flexibilidade, mas em compensação o trabalho toma o espaço de outras atividades porque o tempo que se demanda para realizá-lo a contento é muito maior do que as 20 horas previstas.

Podemos escolher a melhor hora do nosso dia para desenvolver o trabalho, por outro lado terminamos nos envolvendo com as atividades presenciais e por vezes negligenciando o trabalho online. Como o tutor é um profissional “das horas vagas” mesmo administrando bem o seu tempo, pode ocorrer uma invasão do tempo dedicado à sua função do trabalho habitual e/ou vice-versa, além do seu tempo de lazer (Tutor 1)

O tutor é o profissional que depende, basicamente, de um computador e da internet, no caso dele já estar qualificado para a função. Sendo assim, o espaço é o local no qual tenha tais recursos. Já o tempo, tende a ser menos simples de administrar, uma vez que dependendo do nível e da quantidade de cursistas na turma, ele precisará passar mais tempo diante do computador (Tutor 2)

Por mais que seja organizado um horário específico para a tutoria, necessário se faz trabalhar em outros momentos quer seja em casa, durante as viagens e muitas vezes por telefone independente de local e hora, tiramos dúvidas dos cursistas (Tutor 4).

Não sei com base em quê se faz o cálculo de 20 horas semanais para o tutor desenvolver suas atividades no AVA, uma vez que a recomendação é acessar o ambiente ao menos uma vez por dia e não demorar mais que 24 horas para responder aos comentários dos cursistas. Se o curso tem 50 cursistas como é o caso dos cursos em que fui ou sou tutor, é praticamente impossível realizar esta jornada de atividades e ainda dar conta dos relatórios e reuniões em 20 horas semanais (Tutor 9).

Se a flexibilidade é um ponto positivo, a dificuldade de administrar o tempo torna-se ponto negativo e exige disciplina, pois nenhum professor dedica-se integralmente às atividades da tutoria. O vínculo com um sistema público de ensino é exigido pela própria legislação como requisito para o candidato à bolsa de tutoria. O acúmulo de atividades contribui para a intensificação do trabalho dos professores e conseqüentemente para a proletarização do mesmo.

d) Acúmulo de atividades

Todos acumulam a docência online com outras atividades e tentam administrar a situação, embora tenham diversas dificuldades nesse sentido, mas

com muita disciplina conseguem dar conta de jornadas de trabalho duplas ou triplas (no caso das donas de casa). A administração dessas atividades é muito complicada para alguns.

Administro com dificuldade, o trabalho online é às vezes negligenciado (Tutor 1).

Não é fácil. Trabalho em tempo integral como multiplicadora no NTE/AL. Procuro me dedicar à tutoria à noite e durante os finais de semana. Mas, como as funções são muito parecidas, eventualmente, os tempos se misturam (Tutor 2).

Sim, administro com disciplina. Organizo os horários de trabalho para que não falhe em nenhum momento (Tutor 3).

Tento trabalhar após no horário oposto ficando até altas horas e finais de semana na frente do computador (Tutor 4).

...kkkk (permita-me rir). Creio que administrar estes “tempos” está na veia do educador. Ele deve saber, antes de tudo, driblar as multirealidades (Tutor 8).

Um dos critérios para que o tutor seja selecionado é que ele já tenha um outro vínculo, pelo menos nos cursos em que fui tutor. Ou que seja professor, ou estudante de mestrado. Atualmente me desdubro em minhas atividades de docente online com duas horas no período da manhã (das 6h às 8h) e duas horas no período da noite (das 22h às 24h), obviamente esta é uma média que varia muito. Mas é preciso acrescentar que aos sábados e domingos estou sempre no AVA. Uma outra consideração é que em atividades presenciais, aos feriados, o docente não trabalha, mas no caso do tutor, é nos feriados que ele mais trabalha (Tutor 9).

Este acúmulo de atividades causa diversas interferências na vida pessoal, gerando inclusive problemas de saúde, embora isto não seja apontado pelo grupo em estudo. Cunha (1999), tratando de fatores condicionantes da proletarização do trabalho docente, aponta o estresse a que o docente é submetido, por conta das condições precárias de trabalho, pela intensificação do trabalho, pelas exigências que lhe são impostas no contexto atual. Isto vai se refletir na vida pessoal, principalmente quando o espaço de desenvolvimento do trabalho é a própria casa, o que comumente acontece na docência online.

e) Interferências na vida pessoal

Apenas dois tutores afirmam que o trabalho online não interfere na vida pessoal. Isto pode estar ligado ao estado civil ou a menos compromissos profissionais. Para os demais, o acúmulo de atividades causa interferências na vida pessoal e familiar, pois conforme está posto, os horários noturnos, os finais de

semana e os feriados nos quais a atenção à família e ao lazer deveria ser privilegiada, são tempos dedicados ao trabalho online. Isto tem algumas conseqüências.

Também não há como não interferir, pois a tutoria é uma função eventual “das horas de folga”, e essa situação também se aplica para o cursista. Há casos, em que o cursista liga para tirar dúvidas em horários diversos. Há situações, que o tutor precisa parar tudo o que está fazendo para atendê-lo, quando ele está numa lan house à noite, ou quando o tutor está online acessando seus e-mails e o cursista o chama numa janela de bate-papo para esclarecer suas dúvidas, por exemplo (Tutor 2).

Comprometo os fins de semana, feriados, atraso atividades. E converso menos com meus amigos pela internet ou pessoalmente também (Tutor 6).

Principalmente quando tenho que doar-me um pouco mais para um aluno ou grupo de alunos online, retirando-me um pouco mais do convívio familiar (Tutor 8).

Observa-se que há neste grupo tutores que já iniciaram sua vida profissional na EAD semipresencial, estando agora na docência online no Curso de Mídias, por isso não passam por uma reorganização de atividades. Sua vida profissional já se organiza em torno das exigências dos AVA.

É difícil para mim; analisar esta interferência, pois desde que iniciei na docência que me divido entre os ambientes físicos e virtuais, não tive a oportunidade de viver o lado “off” e o lado “on” da docência para poder comprara o antes e o depois, mas posso dizer que a experiência proporcionada pela vivência online proporciona um salto na prática pedagógica em ambientes físicos. Sempre procuro propor atividades que misturem as duas modalidades, através do youtube, objetos de aprendizagem, orkut, blog, e agora mais recentemente o twitter (Tutor 9).

Pensava-se, a princípio, que o grupo tinha uma larga experiência na educação presencial, o que de fato se constatou, porque 80% dos professores têm 15 ou mais de 15 anos de magistério. O Tutor 9 é uma exceção, porque sua experiência profissional já acontece em concomitância nas duas modalidades, e certamente sem as barreiras que muitos professores sentem ao fazerem a transição de uma modalidade para outra.

f) Expectativas para a educação online.

As expectativas do grupo giram em torno do ordenamento jurídico da docência online, com a valorização e devido reconhecimento da importância de cada função necessária. Entendem que a educação online já é uma realidade e é muito

promissor que Universidades importantes estejam se adequando a oferta desta modalidade.

O desafio para nos educadores é que precisamos nos adequar a esta nova modalidade de ensino (Tutor 1).

Espera-se que a docência online seja regulamentada de acordo com as especificidades pertinentes dessa nova modalidade de ensino para que ocorra a valorização desse profissional da educação, com leis específicas para tal função, prevendo questões trabalhistas, de formação, de tempos, espaços, responsabilidades diversas, inclusive às relacionadas aos recursos materiais e tecnológicos utilizados no exercício da função (Tutor 2).

No futuro bem próximo não identificaremos educação online, presencial, a distância, tudo será educação de qualidade, a meta será escolher de que forma participar de cursos (Tutor 3).

Espero que essa nova forma de fazer educação tenha mais adesão nas universidades do nosso país (Tutor 4).

Confesso que fiquei bastante feliz com a notícia de que as importantes universidades do nosso país já estão despertando para a educação online, o que nos leva a perceber que a educação vive um momento importante e de mudanças significativas, e a educação a distância é o grande pilar dessas mudanças. Graças a essa nova modalidade de ensino, muitos estão voltando para as salas de aulas, ainda que essa sala seja virtual. Em tempos de globalização e de avanços significativos nas áreas tecnológicas, o aprendizado tornou-se algo indispensável para qualquer pessoa, o que nos deixa esperançosos de que o trabalho docente na educação online consiga ser visto com a importância que lhe é devido (Tutor 5).

Mudanças na legislação trabalhista, valorização do currículo, salários mais dignos, até para que possamos nos dedicar a mais a tutoria (Tutor 6).

É um trabalho que gosto de fazer, portanto pretendo me aperfeiçoar e estudar. Seria bom que o mesmo fosse regulamentado, e a tutoria se tornasse uma profissão como qualquer outra (Tutor 7)

Atualmente minhas expectativas estão direcionadas a questão da pesquisa das possibilidades e de como podemos enfrentar os desafios, sem perder a qualidade educacional (Tutor 8).

Espero que com o tempo, a função de tutor venha a ser reconhecida pelo Estado como profissão e que então possa este profissional fazer parte do corpo de docentes de instituições de ensino. Muito embora o MEC já tenha dado alguns indícios de que esta realidade está muito aquém da efetivação (Tutor 9).

Que seja mais difundido e valorizado por parte dos cursistas (Tutor 10).

Espera-se que, se ampliando a oferta desta modalidade e havendo necessidade de profissionais preparados para atendimento da demanda, sejam compreendidas as especificidades deste trabalho, sendo-lhe dada a valorização correspondente, daí a importância da regulamentação. De acordo com Mill, Santiago e Viana (2008), há um discurso enganoso do mercado ao difundir a idéia de que a

tutoria é um trabalho com flexibilidade espaço-temporal e por isso pode ser executado concomitantemente a outras atividades profissionais, sem demandar esforço do trabalhador. Constata-se que a realidade é bem diferente, pois a atividade não só demanda tempo, como esforço e até alguns sacrifícios por parte do professor.

A educação online implica numa reeducação tanto do tutor, como do aluno. Ambos precisam de exercícios auto-avaliativos, refletindo sobre sua atuação, para não repetirem online as atitudes unidirecionais ou autoritárias, tão questionadas na educação presencial. Ao tutor cabe ter a sensibilidade necessária para identificar as dificuldades e orientar o aluno que não consegue se desvencilhar da educação presencial. É um exercício de paciência, para aos poucos conduzir o grupo a novas atitudes de disponibilidade para o diálogo, de aprender junto, percebendo o aluno como um ser “programado”, conforme argumenta Freire (2006, p. 145), para aprender e, portanto, para ensinar, conhecer, intervir. Pois independente da faixa etária com que o educador trabalhe, é sempre gente se formando, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando. A prática educativa, seja online ou presencial, deve se constituir num “exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos”.

7. Considerações finais

A incorporação das TIC à prática pedagógica tem trazido novas exigências aos professores, principalmente no que se refere à formação continuada específica para que desenvolvam as competências e habilidades necessárias a novas práticas pedagógicas e à atuação em novos espaços de trabalho. Os professores se vêem diante do desafio de aliar os recursos tecnológicos disponíveis a uma ação docente que tem como base uma concepção pedagógica interativa, colaborativa e reflexiva, o que implica em revisão de concepções e posturas diante do fazer pedagógico. Competência pedagógica aliada à competência tecnológica contribui para a qualidade do trabalho na docência online.

A profissionalização é uma meta a ser alcançada em todos os momentos da história dos trabalhadores em educação, qualquer que seja a modalidade em que trabalhem e pode ser caracterizada pela autonomia, por uma formação de

qualidade, por condições adequadas de trabalho, e uma remuneração que permita o acesso dos professores aos bens culturais.

Já a proletarização pode ser caracterizada pela perda da autonomia, pela intensificação do trabalho docente, sem a valorização profissional e remuneração condizentes; pela ausência de regulamentação legal que garanta direitos e deveres dos trabalhadores.

A própria classe de professores precisa ter clareza sobre as mudanças pelas quais a profissão docente vem passando para evitar afirmativas do tipo “embora os tutores não sejam professores, compõem a categoria docente”. Isto, para Mill, Santiago e Viana (2008), se dá em virtude de uma divisão técnica dos saberes da docência, característica do modelo orientado pela lógica do mercado. Entende-se que os tutores são professores, mesmo que suas atribuições não incluam a preparação de determinado curso.

Para fazer funcionar um curso online são necessários saberes diversos, dificilmente dominados por um único profissional; isto não significa, entretanto, que uma função deva ser mais valorizada que outra. O tratamento dado ao tutor como uma categoria inferior serve aos interesses capitalistas de exploração do trabalho. O ideal seria que não houvesse esta separação e que independente da função que desempenham, todos aqueles que desenvolvem trabalho pedagógico sejam denominados professores e preservem sua identidade como tal. O que todos necessitam é de condições de trabalho, formação adequada, deveres e direitos garantidos, como condição para uma melhor qualidade de vida.

As mudanças precisam também ser incorporadas pelas entidades de classe, para que possam orientar melhor os professores. Reitera-se o apelo que Mill, Santiago e Viana (2008, p. 71-72) fazem “aos sindicatos da educação pediríamos *atenção às especificidades* do trabalho docente quando realizado sob forma de teletrabalho; e, aos docentes, solicitaríamos *tomadas de consciência* em relação às implicações trabalhistas, especialmente àquelas de médio e longo prazo, em termos individuais e coletivos”. Acrescenta-se: às instituições que ofertam cursos na modalidade online, que levem em consideração as implicações desse trabalho para o professor que atua na tutoria.

Em relação ao grupo de tutores participantes desta pesquisa, tinha-se a hipótese de que não se preocupavam com questões relativas à profissionalização docente; entretanto, constatou-se que as preocupações existem, principalmente no

tocante à regulamentação da atividade da tutoria. Sabe-se que todas as conquistas alcançadas pelos trabalhadores da educação demandaram e demandam muita luta, de forma que os avanços desejados no sentido da profissionalização na docência online exigirão muito esforço e mobilização, na qual os interesses individuais devem se unir aos interesses coletivos, para que esta profissionalização se constitua realidade.

Referências

BRASIL. **Lei 11.273** de 06 de fevereiro de 2006. Disponível em: <http://www.datadez.com.br/content/legislacao.asp?id=21375>. Acesso em: 20 mai 09.

BRASIL. **Lei 11.738** de 16 de julho de 2008. Disponível em: http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Lei_Piso_Nacional_Magisterio.pdf. Acesso em: 20 mai 09.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf. Acesso em: 02 abr 09.

CUNHA, Maria Isabel. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: VEIGA, Ilma; CUNHA, Maria Isabel (orgs.). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

FIDALGO, Fernando; FARIA, Lidiane; MENDES, Eliandra. Profissionalização docente e relações de trabalho. **Revista Extra-Classe**, n1, v2. Agosto 2008. Disponível em: <http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/481.pdf>. Acesso em 19 mar 09.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HYPÓLITO, Álvaro M. Trabalho docente e profissionalização: sonho prometido ou sonho negado? In: VEIGA, Ilma; CUNHA, Maria Isabel (orgs.). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

KULLOK, Máisa. Formação de professores: política e profissionalização. In: MERCADO, Luis Paulo; KULLOK, Máisa. **Formação de professores: política e profissionalização**. Maceió: Edufal, 2004.

MENDONÇA, Alzino F. **Docência online: a virtualização do ensino**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/552007112719PM.pdf>. Acesso em 08 mar 09.

MERCADO, Luis Paulo. **Fundamentos da educação a distância**. Notas de aula, 2006.

MILL, Daniel. **Educação a distância e trabalho docente virtual**: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na idade média. Tese de doutorado, UFMG, 2006. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/posgrad/BTD/2006/Tese07.pdf>. Acesso 10 mar 09

MILL, Daniel; SANTIAGO, Carla; VIANA, Inajara. Trabalho docente na educação a distância: condições de trabalho e implicações trabalhistas. **Revista Extra-Classe**, n1, v1, Fevereiro 2008. Disponível em: <http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/341.pdf>. Acesso 10 mar 09

MOORE, Michel; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEVES, Inajara; FIDALGO, Fernando. Docente virtual na educação a distância: condições de trabalho na rede privada de ensino. **SENEPT 2008**. Disponível em: http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/quarta_tema3/QuartaTema3Artigo7.pdf. Acesso em: 19 mar 09.

PALOFF, Rena; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RÉGNIER, Karla von Döllinger. **Alguns elementos sobre a racionalidade dos modelos taylorista, fordista e toyotista**. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/232/boltec232d.htm>. Acesso em: 08 abr 09.

SILVA, Marco. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, Marco (org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação e formação corporativa. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, Marco. Entrevista com os professores Marco Silva e Edméa Santos. **Paidéi@**, Vol. 1, No 1, 2008. Disponível em: [http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path\[\]=31&path\[\]=22](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path[]=31&path[]=22). Acesso em: 10 mai 09.

SILVA, Mirna. Um novo princípio educativo para o trabalho docente? **V Colóquio Internacional Marx e Engels**. Unicamp, 2007. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt5/sessao3/Mirna_Silva.pdf. Acesso em: 19 mar 09.

VEIGA, Ilma. Profissionalização docente. **II Colóquio Formação de Educadores, em Salvador**, UNEB, 2006. Disponível em: www.didateca.org/ILMA%20VEIGA.doc. Acesso em: 02 abr 09.